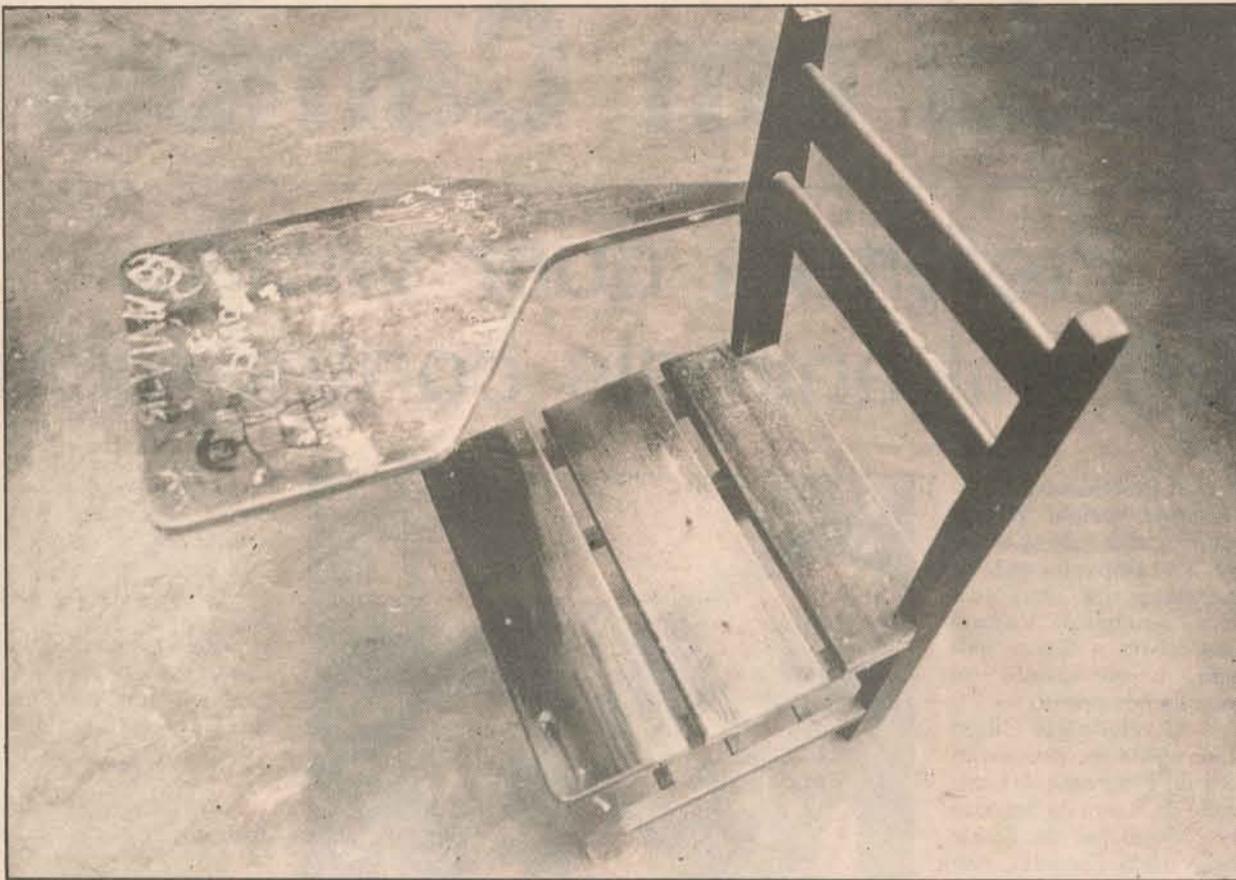


FRACASSO ESCOLAR: A



Todos os anos cerca de 73 mil alunos abandonam as carteiras escolares na rede pública estadual

Mau rendimento e sonho

Aos 13 anos de idade, Ricardo (nome fictício) não presta atenção às aulas e não cumpre as tarefas de casa. Frequentando a 5ª série pela terceira vez em uma escola da rede estadual, ele é um dos exemplos de crianças que não têm um bom rendimento escolar.

Este seria um fato comum se Ricardo não fosse um menino que não tem problemas de mau comportamento e não se isola dos amigos da sua idade. "A professora diz que ele é uma criança com hábitos completamente normais. Não é excessivamente bagunceiro e nem retraído. Só não tenta aprender", afirma a mãe do garoto, que preferiu não se identificar.

Todos os dias, quando é perguntado sobre os deveres de casa, Ricardo é taxativo: "Hoje

não tem nada", mostrando o seu caderno totalmente em branco. Quando a mãe liga para a amiga da mesma turma, fica sabendo que tem uma lista de atividades.

Na sala de aula, o menino é desligado e evasivo quando é questionado sobre alguma disciplina. Se o assunto for futebol, ou TV, no entanto, ele fala fluentemente.

Para justificar o problema, Ricardo não tem muitos alibis. Seus pais vivem aparentemente bem, a situação financeira da família é estável e ele é muito querido pelos parentes e amigos.

REBELDE

Apesar de ressaltar que o diagnóstico só tem precisão se a criança for submetida a uma entrevista e uma investigação, a psicóloga Flávia Borges acredita

que Ricardo pode estar se rebelando contra os pais ou contra a escola.

"Ele também pode estar com falhas de personalidade, dificuldades de atenção, concentração ou doenças orgânicas. Também pode ser que ele esteja sentindo uma diferença de nível na escola, já que tem uma boa situação financeira, diferente dos seus amigos", opina.

Ricardo não deixa transparecer qualquer insatisfação em relação ao colégio. Sobre o futuro, faz previsões otimistas. "Estudar é um saco, mas quero ser médico". Quando é perguntado sobre como conseguirá fazer um curso concorrido sem estudar, ele não hesita em responder com outra pergunta: "Já que cheguei até a 5ª série sem estudar, por que não posso chegar à universidade?".

quer fator determinante do fracasso, vai acarretar problemas futuros. "Se for um problema de adaptação, o indivíduo terá dificuldade na escola. Se for um problema de inteligência, poderá se sentir incapaz".

A pedagoga Arlete Maria Grilo não compartilha da mesma opinião. Ela afirma que o aluno, mesmo quando fica reprovado, pode acabar tendo afinidade por outras áreas.

"Albert Einstein, ganhador do Prêmio Nobel em 1921, chegou a ficar reprovado num exame de admissão para uma escola e nem por isso deixou

de ser um físico brilhante e inventar a Teoria da Relatividade. Fracasso escolar não implica necessariamente em fracasso profissional".

O professor e especialista em educação, Hélio Rosetti Júnior, afirma que as crianças que ficam reprovadas devem ser apenas ajustadas.

"A reprovação geralmente é causada por problemas de ordem emocional. Quando o problema acaba, as conseqüências escolares acabam. Porém, isso não implica em saldos negativos para o futuro, já que o jovem tem uma capacidade muito grande de recuperação", acredita.

Especialistas dão o seu ponto de vista sobre a repetência e a evasão escolar, que atingem só na rede estadual cerca de 140 mil estudantes por ano

Giovana Rangel

Baixo rendimento e falta de interesse são os ingredientes necessários para formar um dos maiores problemas educacionais do País: o fracasso escolar. Ocasionalmente pela repetência e evasão, o problema atinge anualmente mais de 140 mil crianças somente na rede estadual.

A Secretaria de Estado da Educação (Sedu) contabiliza que cerca de 73 mil alunos abandonam os bancos escolares anualmente e 67 mil ficam reprovados. Os números da evasão representam cerca de 19% dos alunos, em dados de 1993. A reprovação atinge 14,24% do total.

Alguns especialistas afirmam que o baixo salário dos professores, que resulta em greves e desestímulo, é o responsável pela maioria dos casos de repetência e evasão. Outros alegam que a culpa pode ser da família, da escola ou do próprio aluno.

Enquanto a secretária estadual de Educação, Euzi Moraes, diz que as greves são responsáveis por grande parte do problema da evasão, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes) se posiciona afirmando que o problema está na falta de valorização do magistério.

A assessoria de comunicação do Sindiupes ressaltou que a solução é a melhoria das condições de trabalho do pro-

fessor, além da redefinição da política didática.

PARALISADOS

Os professores da rede municipal de Vitória paralisaram as suas atividades desde o dia 12, seguidos pelo magistério estadual, que cruzou os braços por tempo indeterminado no dia 21. Nas escolas municipais de Vitória, o índice de evasão é de 12,2% (3.816 alunos), muito abaixo dos números de repetentes, que somam 20,3% (5.487 alunos).

Os colégios particulares também passam pelo problema de repetência e evasão, de acordo com o Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino (Sinepe), apesar de não divulgarem números exatos.

Na Universidade Federal do Espírito Santo, o fracasso escolar não é diferente. Ele é constatado principalmente nos cursos de Exatas, que apresentam um índice de 50% de evasão e repetência. Segundo a diretora do Departamento de Desenvolvimento Pedagógico, Leda Couto Nogueira, o problema é originado nas etapas anteriores do ensino.

"Muitos alunos já vêm do 2º grau com dificuldades de aprendizado. Quando chegam aqui não conseguem acompanhar o ritmo e desistem", explica.

Greves estão entre as razões do desestímulo

A greve, que figura como uma das principais causas do problema da repetência e evasão, está fazendo parte, por mais uma vez, do cotidiano dos alunos da rede municipal e estadual.

Na rede municipal, 37 mil estudantes estão sem aulas desde o dia 12. Os professores querem um reajuste de 20% para todos os níveis e mais 5% como referência, que é dada a cada promoção. Atualmente o salário de um profes-

sor com segundo grau é de R\$ 327,19.

Os professores da rede estadual cruzaram os braços por tempo indeterminado no dia 21, deixando 540 mil estudantes em aulas. Eles reivindicam uma política salarial que pague os salários no primeiro dia útil de cada mês. Um professor da rede estadual de nível MPA1 ganha hoje R\$ 222,47. Com a greve, o quarto bimestre do ano letivo corre o risco de terminar em 96.

Novos Einsteins a caminho?

Maus estudantes, péssimos profissionais. Há quem acredite que esta afirmação é verdadeira, apesar de alguns especialistas serem totalmente contrários à idéia.

Os problemas que causam um mau rendimento na vida estudantil podem ser transferidos para o trabalho, atrapalhando a vida futura, segundo a psicóloga Flávia Borges. "O desenvolvimento na escola é a preparação profissional. Quem tem dificuldade em se concentrar numa matéria terá problemas para executar uma tarefa".

Flávia Borges afirma que qual-

CULPA É DE QUEM?

Como solucionar o problema da evasão e da repetência escolar?

Fotos de Elizabeth Nader e Antonio Moreira



José Correa Maduro, presidente da Associação de Pais do Estado (Assopaes) — A solução será a implantação de todos os itens dos Conselhos Tutelares da Criança e do Adolescente, que garante um estudo de qualidade para todas as crianças, sem problemas como evasão e repetência em massa. A sociedade deve cobrar esta responsabilidade das autoridades.



Hélio Rosetti Júnior, pós-graduado em Educação e diretor do Departamento de Desenvolvimento de Ensino da Escola Técnica Federal (ETFES) — Quando há problemas, a escola deve reformular a grade curricular. Investir na capacitação profissional e na melhoria das condições de trabalho dos educadores também são alternativas para conter a evasão e a repetência.



Euzi Moraes, secretária estadual de Educação — As escolas devem rever os seus currículos, com base na realidade dos alunos. Devem também atacar a questão da legitimação da diversidade, atendendo de maneira satisfatória a sua clientela. A solução está no tripé: interesse do aluno, bom currículo e atendimento da demanda da sociedade.



Ana Maria Marreco, secretária de Educação da Prefeitura Municipal de Vitória — A evasão não é o nosso maior problema, porque ela é consequência da repetência. A solução é não tratar as crianças como se elas fossem todas iguais e adotar um tratamento diferenciado para cada uma delas, concentrando as atenções naquilo que o aluno tem dificuldade.

Em direção ao sucesso

Tentativas isoladas podem dar certo e evitar o problema do fracasso escolar. A escola estadual Aristóbulo Barbosa Leão, na Serra, é um exemplo daquelas que conseguiram o segredo do sucesso elaborando programas inovadores.

Grande revelação do vestibular deste ano, a Escola Aristóbulo Barbosa Leão conseguiu aprovar 45 dos 82 alunos que passaram na primeira etapa. O resultado no concurso da Ufes é satisfatório desde 93, quando a diretoria da escola decidiu implantar uma turma reparatória para enfrentar um curso superior, fato incomum em outras escolas da rede pública.

A iniciativa do colégio se confirma também no ensino fundamental. Preocupados com o baixo rendimento das turmas de 5ª série, educadores da escola montaram um trabalho de recuperação para os alunos, que será implantado no final desta semana.

Apresentados a um teste de conhecimento, 99% dos alunos da 5ª série tiveram média inferior a seis pontos. A

diretora da escola, Dysnei Vieira dos Santos, atribui este rendimento à falhas na alfabetização, já que muitos nem sabem ler.

No trabalho de recuperação, vários grupos de estudantes da própria escola farão o trabalho de acompanhamento aos alunos com dificuldades de aprendizado. Com este programa, cada sala terá vários professores, que darão uma atenção especial a cada aluno.

A diretora acredita que, com este atendimento individualizado, pretende-se evitar que haja uma reprovação em massa no final do ano. Ela afirmou que se todas as escolas tivessem esta iniciativa, o problema do fracasso escolar poderia ser resolvido.

“Cada estabelecimento de ensino deve diagnosticar seus problemas e tentar uma solução para as dificuldades, sem esperar pela ajuda do Governo. Quando há empenho e força de vontade, o trabalho de recuperação pode dar certo. Este é o segredo do sucesso”, explica.

Saindo em busca da fórmula ideal

A resposta à pergunta sobre o método mais adequado de ensino varia muito, de acordo com os especialistas em educação. Aulas práticas aliadas à teoria, recursos audiovisuais e maior participação do aluno são algumas das “iscas” usadas para atrair a atenção dos estudantes, tentando evitar a repetência e a evasão.

Tendo como aliados vários métodos pedagógicos, professores tentam conseguir a fórmula ideal da aprendizagem. A secretária municipal de Educação, Ana Maria Marreco, afirma que a Prefeitura de Vitória não adota nenhuma postura definida.

Nas escolas da rede estadual também não há métodos de ensino rígidos. “Fazemos várias experiências com metodologias diferentes. Não existe um método único para o sistema de ensino estadual”, explica a secretária de Educação, Euzi Moraes.

Na rede privada também não há regras de métodos do ensino, apesar de possuir maiores recursos para facilitar a aprendizagem dos alunos.

A pedagoga do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino (Sinepe), Zenilda Barbosa, afirmou que muitas escolas estão adotando vários métodos de estimulação para evitar a repetência e a evasão.

“A maioria já utiliza a informática para desenvolver o raciocínio lógico dos alunos, além dos trabalhos em grupo e dos recursos audiovisuais”, explica. Na rede particular, de acordo com a assessoria de Comunicação do Sinepe, o problema de evasão e reprovação existe.

Um investimento sem retorno para cofres públicos

Cada vez que um aluno repete o ano ou abandona os bancos escolares, o prejuízo aumenta para os estabelecimentos de ensino estaduais, municipais ou federais. Transformando-se em investimento sem retorno, o fracasso escolar torna-se um dos maiores problemas educacionais para os cofres públicos.

Para a Secretaria de Estado da Educação (Sedu), que perde em torno de R\$ 25 milhões por ano com estes alunos, a evasão e a reprovação atrapalham investimentos em outras áreas. Na tentativa de solucionar o problema, a Sedu está implantando um programa de recuperação com alunos que têm dificuldades.

Neste trabalho, os professores diagnosticam quais são as crianças que precisam de um auxílio especial, dando aulas mais direcionadas para cada aluno.

Para tentar diminuir o seu índice de repetência escolar, que atinge cerca de cinco mil alunos anualmente (aproximadamente 20% do total), a Prefeitura de Vitória implantou o programa Sucesso Escolar, que também consiste em oferecer aulas de reforço para os alunos. Neste programa as crianças estudam o dia inteiro, em turmas menores.

ABANDONO

Na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) o prejuízo também é grande, apesar de não estar calculado devido a variação do número de estudantes que abandonam os cursos. A Ufes gasta em média R\$ 2.400,00 com cada estudante, mas o número varia muito em cada curso oferecido. A evasão oscila entre 10% a 50% nos cursos.

De 1991 a 1994, cinco mil alunos deixaram a universidade. Para amenizar o problema, a Ufes implantou um trabalho de acompanhamento com todos os estudantes que correm o risco de serem jubilados, elaborando um plano de estudo individual.

“Este é um trabalho preventivo, de corpo a corpo. Bolsistas da própria universidade acompanham os alunos ‘jubiláveis’ e fazem um plano de estudo para que o aluno não perca o curso”, explica a diretora do Departamento de Desenvolvimento Pedagógico, Leda Couto Noqueira.

A Escola Técnica Federal (ETFES) também perde com os alunos que abandonam os cursos. Dos 1.200 alunos que entram no 1º ano, apenas 600 concluem o 4º ano, totalizando uma evasão de 50%. Como o custo por aluno é de US\$ 1.800 (R\$ 1.710,00), a ETFES chega a perder US\$ 1.080.000 (R\$ 1.026.000,00) ao final da formação de uma turma, que leva quatro anos.